

AS DIFICULDADES ENCONTRADAS POR OUVINTES NA AQUISIÇÃO DA LIBRAS COMO L2 E A INTERFERÊNCIA DA MARCAÇÃO NÃO-MANUAL NA MUDANÇA DE SIGNIFICADO

Diego Teixeira de Souza¹
UNISINOS

1 Introdução

No processo de aquisição de uma segunda língua oral, é verificado que alguns aprendizes apresentam diversas dificuldades, tais como: conjugações verbais, ordem das sentenças, concordâncias etc. Tais dificuldades não estão longe da Língua Brasileira de Sinais, embora focada em outro âmbito.

Na língua de sinais um dos problemas encontrados se refere à execução das marcações não-manuais. Estas fazem referência à posição de cabeça, movimentação corporal e expressão facial.

Em meio a este contexto, o presente estudo teve por objetivo o levantamento e análise, através de instrumentos, algumas das principais dificuldades encontradas por falantes na execução da marcação não-manual, apresentando uma análise crítica dos dados obtidos.

A escolha pelos tópicos abordados, abrangendo tipos de frases da língua de sinais, marcações não-manuais e mudança de significado, deve-se ao fato de serem temas suscetíveis de dúvidas gerando, muitas vezes, a incompreensão por parte dos alunos.

2 Língua e linguagem

Sabe-se que o estudo científico da língua natural humana pode ser definido como linguística, esta que, por sua vez, é a ciência que descreve línguas em todos os seus aspectos e, também, formula teorias de seu funcionamento. Mas, o que é língua?

Qual é a diferenciação entre língua e linguagem? Comumente, o vocábulo linguagem é empregado em uma variedade de sentidos, como linguagem corpórea, linguagem musical etc.

Language, palavra inglesa, encontra-se no português em dois vocábulos: língua e linguagem. A diferenciação entre essas palavras está relacionada à diferença entre seus dois sentidos. Linguagem, aplica-se não somente à língua portuguesa, russa, alemã, chinesa, mas, também, a diversos sistemas de comunicação, cálculo ou notação que são sistemas artificiais e não naturais. Em português, a palavra “língua” não possui uma grande abrangência quanto ao vocábulo linguagem, pois este pode

¹ Mestrando em Linguística Aplicada pela UNISINOS; graduado em Letras pela PUCRS . E-mail: diegotsouza@uol.com.br

ser utilizado para se referir a diversas linguagens, ademais de poder ser aplicado aos sistemas comunicacionais, naturais ou artificiais, humanos ou não.

Neste trabalho, utiliza-se a palavra linguagem para designar o sistema linguístico que é geneticamente determinado para se desenvolver no ser humano. As pessoas podem utilizar uma língua de acordo com sua produção e sua modalidade de percepção: modalidade oral-auditiva ou modalidade visuo-espacial.

A priori, os linguístas lidam com línguas naturais. De acordo com Lyons (1987), a indagação “o que é língua e linguagem?” traz a pressuposição de que cada uma das inúmeras línguas não-orais é um caso mais específico de algo mais geral.

O estudioso da linguagem, o linguísta, quer saber se as línguas naturais possuem em comum algo que não pertença a outros sistemas comunicacionais, humano ou não, de maneira que seja correto aplicar a cada uma delas a palavra “língua”, recusando a aplicação deste termo a outros sistemas comunicacionais.

Segundo Saussure (1995, p.170):

[...] língua não se confunde com linguagem: é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.

Já Chomsky *apud* Quadros e Karnopp (2004), afirma que:

Doravante considerarei uma lingua[gem] como um conjunto (finito ou infinito) de sentenças, cada uma finita em comprimento e construída a partir de um conjunto finito de elementos.

Para Chomsky, o conceito de língua pode ser analisado em duas abordagens: a língua externa e a língua interna. A primeira refere-se ao conceito difundido por Bloomfield, relacionado à definição de *langue* por Saussure, associando o som à palavra e, consecutivamente, ao significado. Esse é um conceito técnico que considera as línguas como instâncias da linguagem externalizada. A segunda, a língua interna, define a 'noção de estrutura' como parte da sentença estável, livre de expressões que podem variar de pessoa para pessoa.

Na sequência, apresenta-se a língua de sinais como uma língua natural, usada em grupos específicos de usuários.

3 Língua de sinais

As línguas de sinais são línguas naturais utilizadas pelas comunidades surdas. Por muito tempo, foram consideradas apenas gestuais ou pantominais, incapazes de transmitir conceitos abstratos.

Atualmente, sabe-se que há um grande desconhecimento sobre estas línguas, pois as pesquisas nesta área são limitadas e, em alguns casos, inexistentes; prejudicando seu conhecimento. Em 1960, houve a publicação do livro *Sign Language Structure* – Willian Stokoe – no qual ficou explícito que as línguas de sinais são consideradas línguas naturais.

Igualmente às línguas orais, as línguas de sinais possuem sua própria estrutura, isto é, abarcam a gramática em seus diversos níveis: fonológico, semântico, sintático e pragmático. Quanto à sua estrutura, seus princípios gerais são semelhantes aos das línguas orais e podem traduzir quaisquer assuntos e conceitos, sejam eles abstratos ou não.

De acordo com Quadros e Karnopp (2004), a diferença básica entre língua de sinais e língua oral diz respeito à estrutura simultânea da organização dos elementos da língua de sinais. Enquanto as línguas orais são lineares, isto é, apresentam uma ordem linear dos fonemas, as línguas não-orais, além da linearidade, os fonemas são articulados simultaneamente.

Os sinais são formados por três parâmetros que não carregam significados quando isolados. As unidades menores constituintes são configuração de mão, locação e movimento. Uma configuração de mão e um mesmo movimento, mas com uma locação diferente, poderá resultar em uma mudança semântica, formando assim um par mínimo.

Estudos atuais adicionam dois tópicos ao estudo da fonologia de sinais: a orientação de mão e as marcações não-manuais.

3.1 Aquisição da Libras como L2 por ouvintes

O termo L2 refere-se a qualquer idioma aprendido posteriormente à LM (língua materna).

Neste tópico, aborda-se a Libras como L2, pois esta é adquirida como segunda língua por ouvintes, carregando, muitas vezes, características de língua estrangeira.

Basicamente, existem três formas de aquisição de uma L2: a aquisição simultânea da L1 e da L2; a aquisição espontânea da L2 e não simultânea; e a aprendizagem da L2 de forma sistemática.

De acordo com Souza (2009), a diferenciação entre aquisição da L1 e a aquisição da L2 está intrinsecamente relacionada com a forma de exposição do aprendiz. Quando uma criança é exposta à sua língua materna (L1), a aquisição ocorre de forma natural, isto é, espontânea. Por outro lado, a aquisição da L2 ocorre, muitas vezes, em um ambiente artificial e de forma sistemática, através das metodologias de ensino.

Destaca-se que o processo de aquisição ocorre de forma menos natural em ambiente acadêmico, dependendo, inclusive, da aquisição da L1, da aquisição da L2, da idade do aprendiz, do tempo de exposição à L2 e do fato de estar incluído ou não nesta comunidade de minoria. A educação sistemática envolve um processo distinto da aquisição da L1. Scliar-Cabral (*apud* QUADROS, 1997), observa que a não-exposição à língua nativa, no período de aquisição da L1, causa danos

irreparáveis à organização psicossocial do indivíduo. Isto não ocorre na L2, pois uma pessoa que se expõe a um grupo que fala um idioma diferente do seu não corre risco de ter danos irreversíveis em relação ao mecanismo da linguagem. Embora não conheça o idioma, ela já tem o domínio de uma língua que lhe garante o total funcionamento do mecanismo linguístico. Referente à importância das características da interação no ambiente em que ocorre o processo de aquisição de L2, Damhuis (*apud* QUADROS, 1997) aponta três aspectos de interação verbal que podem ser diferenciados: o *input* (a recepção), o *output* (a produção) e o *feedback*.

O *input* é a linguagem oferecida ao aprendiz por falantes nativos, professores ou por outros estudantes. Os estudantes de L2 utilizam o *input* para formar hipóteses sobre a linguagem. O *output* é a linguagem utilizada pelos próprios discentes. Por meio da própria produção, os alunos podem testar suas hipóteses. O *feedback* é a reação oferecida na conversação frente à produção do aprendiz; este recurso ajuda o aprendiz a avaliar suas hipóteses. O papel do *input* é inquestionável. Para que o estudante possa ativar o desenvolvimento da língua é necessário o *input* auditivo e/ou visual.

De acordo com Quadros (1997) no caso da aquisição da Libras, o *input* visual é extremamente importante. O *input* visual deve ser explorado qualitativamente e deve ser avaliado o tempo necessário de exposição para que o processo de aquisição ocorra de maneira adequada.

Ainda sobre o *input*, estudos sobre o ambiente linguístico ao qual o aprendiz está exposto mostraram que o *input* recebido não é suficiente para a aquisição da linguagem.

Lydia White *apud* Andréa Mattos (2001) apresenta três problemas acerca do *input*: a subdeterminação, a degeneração e a ausência de evidência negativa. A subdeterminação se refere ao fato de que vários aspectos da língua são subdeterminados pelo *input*, isto é, o conhecimento que a pessoa adquire da sua língua, chamado de competência linguística, inclui noções que não são óbvias no *input* recebido e que não são ensinadas diretamente. O conhecimento implícito subjacente ao uso da linguagem vai muito além daquilo que uma pessoa qualquer estaria realmente exposta, e este conhecimento não poderia ser adquirido através de estratégias gerais de aprendizagem ou habilidades de solução de problemas. A degeneração se refere ao fato de que o *input* que o aprendiz recebe nem sempre é perfeito. Na verdade, este *input* é cheio de erros, hesitações e interrupções, incluindo frases agramaticais e formas parciais tanto quanto frases gramaticais. A ausência de evidência negativa, ou seja, ausência de informações explícitas sobre que frases seriam agramaticais constitui outro problema para a aprendizagem da língua.

Segundo Chomsky, a aquisição da linguagem está intrinsecamente ligada à hipótese da Gramática Universal (GU). O autor propôs que a GU tem uma base biológica, ou seja, mecanismos inatos da

mente que permitem a aquisição da linguagem. Estes mecanismos constituiriam os princípios e parâmetros da GU e estariam presentes na forma de estruturas mentais inatas, que foram chamadas de Dispositivo de Aquisição da Linguagem. Este dispositivo conteria os princípios universais inerentes a todas as línguas humanas e também os parâmetros universais que permitem suas variações e, por isso, seria responsável por construir a competência linguística a partir dos dados linguísticos do *input*.

3.2 Aquisição e aprendizagem: diferenças

Sabe-se que aprendizagem e aquisição são dois fenômenos distintos, com fins diferentes, podendo ocorrer simultaneamente, uma não sendo causa da outra. A aprendizagem não se transforma em aquisição. Então, qual será a distinção entre esses dois fenômenos? A aquisição é um processo que ocorre no subconsciente, funcionando por necessidade de comunicação, como impulso vital, uma função que o cérebro não pode evitar cumprir, quando exposto aos impulsos auditivos identificados como mensagem codificada de uma língua.

Segundo Carla Murad (2004, p.39.) “Aprendizagem significa saber as regras, ter consciência delas, poder falar sobre elas, exigindo, portanto, um esforço consciente”. Em suma, uma significa saber utilizar a língua, enquanto a outra é saber sobre a língua.

Existem teorias que supõem que enquanto as crianças ‘adquirem’ uma língua, os adultos só podem ‘aprender’ o conhecimento sobre a língua através do uso desta. Tal hipótese que distingue aquisição de aprendizagem pressupõe que adultos também adquirem uma segunda língua, quase com a perfeição dos nativos, sem nenhum conhecimento consciente das regras gramaticais. Ademais, esta hipótese afirma que a aquisição é um processo poderoso em adultos, afirmativa autenticada pelas observações e estudos dos casos que indicam que esses dois fenômenos são processados diferentemente, cada um

com a sua função específica.

No processo inicial do aprendizado, é comum os aprendizes apresentarem dificuldades na produção. Tais dificuldades vão desaparecendo assim que o estudante adquire tal língua.

4 Componentes não-manuais da Libras

São elementos importantes, ao lado dos parâmetros primários (configuração das mãos ;ponto de articulação e movimento) e secundários (disposição das mãos; orientação das mãos e região de contato). Existe mesmo a possibilidade de que a expressão facial ou o movimento corpóreo sejam outros parâmetros, dada a sua importância para diferenciar significados.

De acordo com Ferreira-Brito (2010), a diferença entre PENSAR, DUVIDAR e ENTENDER é feita por esses componentes não-manuais. Nos três sinais, a configuração é a mão em G, com a ponta do indicador em contato com a parte lateral da cabeça. Em PENSAR há apenas um toque; em DUVIDAR, o toque é acompanhado do olhar e da expressão facial indicando dúvida e de balanço da cabeça para os lados; finalmente em ENTENDER é realizado com um toque do indicador e um rápido afastamento, enquanto os olhos se abrem.

Ressalta-se que tanto os parâmetros primários, como os secundários e os componentes não-manuais podem estar presentes simultaneamente na organização do sinal.

Ainda sobre as expressões não-manuais, Souza (2009) afirma que tais expressões referem-se aos movimentos de face, olhos, cabeça ou tronco. As expressões não-manuais (Quadro I) possuem dois papéis de diferenciação nas línguas de sinais: marcação de construções sintáticas – como marcação de tipos frasais da Libras – orações relativas, topicalizações, concordância, foco e diferenciação entre os itens lexicais.

As expressões não-manuais que constituem componentes lexicais marcam referência específica, referência pronominal, partícula negativa, advérbio e grau ou aspecto.

No próximo item, abordaremos os tipos de sentenças existentes na Libras e suas particularidades.

Quadro I: Expressões não-manuais da Libras

<p>Rosto</p> <p>Parte superior</p> <ul style="list-style-type: none"> • sobrancelhas franzidas • olhos arregalados • lance de olhos • sobrancelhas levantadas <p>Parte Inferior</p> <ul style="list-style-type: none"> • bochechas infladas • bochechas contraídas • lábios contraídos e projetados e sobrancelhas franzidas • correr da língua contra a parte inferior interna da bochecha

<ul style="list-style-type: none"> • apenas bochecha inflada • contração do lábio superior • franzir nariz
<p>Cabeça</p> <ul style="list-style-type: none"> • balanceamento para frente e para trás (sim) • balanceamento para os lados (não) • inclinação para a frente • inclinação para o lado • inclinação para trás
<p>Rosto e cabeça</p> <ul style="list-style-type: none"> • cabeça projetada para a frente, olhos levemente cerrados, sobrancelhas franzidas • cabeça projetada para trás e olhos arregalados
<p>Tronco</p> <ul style="list-style-type: none"> • para frente • para trás • balanceamento alternado dos ombros • balanceamento simultâneo dos ombros • balanceamento de um único ombro

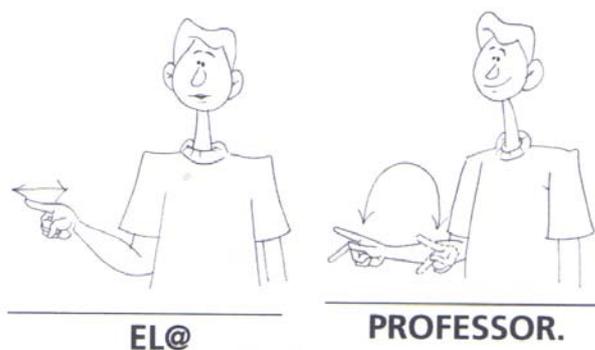
Fonte: Ferreira-Brito e Langevin, 1995, *apud* Quadros e Karnopp, 2004

5 Tipos frasais da Libras

As línguas de sinais utilizam as expressões faciais e corporais para estabelecer os vários tipos de frases, semelhante às entonações da língua portuguesa. Para perceber a tipologia da frase, isto é, se a sentença é afirmativa, exclamativa, interrogativa ou negativa, o sinalizador precisa estar atento às expressões faciais e corporais que, geralmente, estão associadas simultaneamente com outros sinais da frase ou com toda a frase.

5.1 Forma afirmativa

Neste tipo de frase, a expressão facial se mantém neutra. Podemos exemplificar tal afirmação, através da ilustração abaixo:

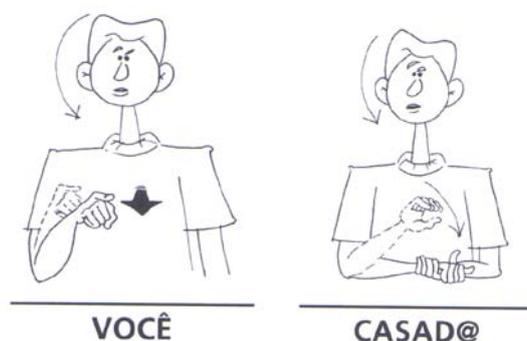


Fonte: FELIPE, Tanya A. Libras em contexto: curso básico (2007, p.64)

5.2 Forma interrogativa

Diferentemente da forma afirmativa, a frase interrogativa possui algumas expressões faciais que a difere dos demais tipos frasais. Geralmente, na forma interrogativa as sobrancelhas permanecem franzidas e essa expressão é acompanhada por uma ligeira inclinação da cabeça.

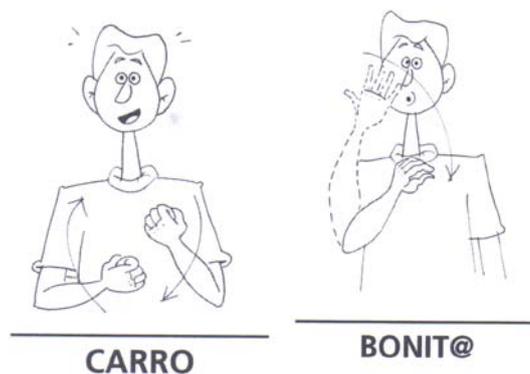
Observe o desenho a seguir:



Fonte: FELIPE, Tanya A. Libras em contexto: curso básico (2007, p.64)

5.3 Forma exclamativa

A forma exclamativa é caracterizada pelo levantamento das sobrancelhas e pelo ligeiro movimento de cabeça que se inclina para cima e para baixo. Esta pode ser precedida por um intensificador representado pelo fechamento da boca com um movimento para baixo.

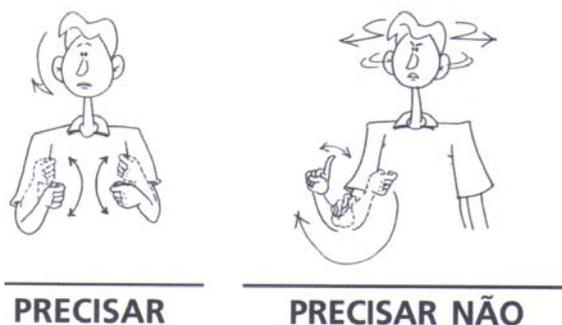


Fonte: FELIPE, Tanya A. Libras em contexto: curso básico (2007, p.65)

5.4 Forma negativa

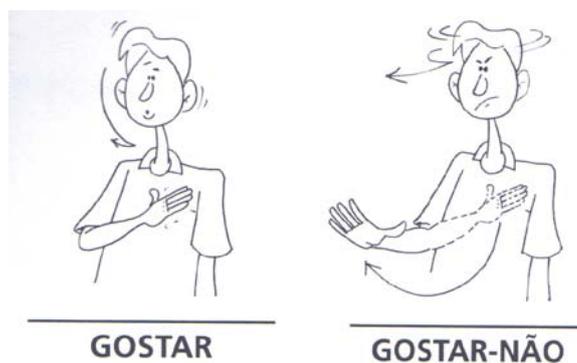
A sentença negativa possui algumas particularidades, pois pode ser representada de três maneiras diferentes:

- Acrescida do sinal NÃO à frase afirmativa: nesta forma o sinalizador apenas insere o movimento de negação, sinalizado pelo movimento de cabeça, simultaneamente com a execução do sinal.



Fonte: FELIPE, Tanya A. Libras em contexto: curso básico (2007, p.65)

- Pode ser executado com a incorporação de um movimento contrário ou desigual ao sinal negado.



Fonte: FELIPE, Tanya A. Libras em contexto: curso básico (2007, p.66)

- Esta última maneira de execução da forma negativa pode ser realizada com um aceno de cabeça que pode ser feito simultaneamente com a ação que está sendo negada.



Fonte: FELIPE, Tanya A. Libras em contexto: curso básico (2007, p.66)

5.5 Forma negativa/interrogativa

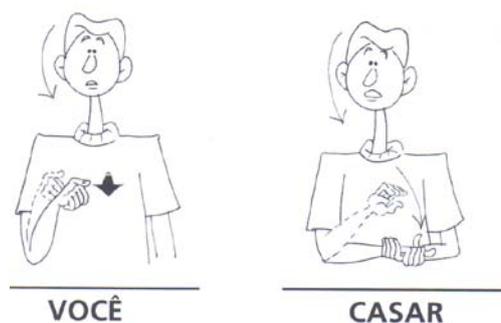
Tal frase é sinalizada com as sobrancelhas franzidas e um aceno de negação, realizado pela cabeça.



Fonte: FELIPE, Tanya A. Libras em contexto: curso básico (2007, p.66)

5.6 Forma exclamativa/interrogativa

A sinalização deste tipo de frase se dá pelo levantamento das sobrancelhas e pela inclinação da cabeça.



Fonte: FELIPE, Tanya A. Libras em contexto: curso básico (2007, p.67)

Ao longo deste estudo, observamos que a organização espacial da LIBRAS apresenta possibilidades de estabelecimento de relações gramaticais no espaço, através das diferentes formas vistas.

6 Metodologia da pesquisa

Para o desenvolvimento deste estudo, foram realizadas pesquisas bibliográficas, entrevistas e filmagens. A primeira fase, pesquisas bibliográficas, teve como objetivo a construção do referencial teórico que, por sua vez, abrange alguns campos da linguística: a aquisição da linguagem, a fonologia da Língua Brasileira de Sinais e a sintaxe espacial. As entrevistas tiveram um papel importante no levantamento das dificuldades que adultos ouvintes apresentam na realização das marcações não-manuais; e, finalmente, as filmagens que proporcionaram a análise das execuções das marcações não-manuais por ouvintes.

7 Amostragem e levantamento de dados

A amostra da pesquisa foi constituída por discentes do nível inicial do curso de Libras. Para a composição dessa amostra, foram entrevistados 21 alunos de ambos os sexos.

A tabela abaixo mostra o número de informantes do sexo masculino e feminino participantes da pesquisa: levantamento das dificuldades encontradas por ouvintes na aquisição das marcações não-manuais.

Total de informantes de acordo com o sexo

Sexo	Nº de Informantes
Masculino	06
Feminino	15
Total de Informantes: 21 pessoas	

Para o levantamento dos dados, primeiramente, foram analisadas as respostas oriundas do instrumento direcionado aos alunos. Neste instrumento, foi possível detectar que a maior

dificuldade que estudantes ouvintes apresentam está relacionada à aquisição da expressão facial e à aquisição do movimento corporal. Grande parte dos informantes afirma que tais marcações não-manuais são difíceis, pois na língua oral tais expressões e movimentos podem ou não transmitir/enfatizar uma ideia. Ademais, afirmam que na oralidade a expressão facial e/ou o movimento corporal podem estar ausentes em diversas situações comunicacionais, mas não podem estar ausentes na comunicação por sinais, isto é, na Libras.

A tabela abaixo mostra as marcações não-manuais apontadas pelos informantes e o número de ocorrências.

Levantamento do número de ocorrências²

Marcação não-manual	Nº de ocorrências
Direcionamento do olhar	03
Expressão facial	15
Movimento corporal	05
Não especificado	04

A observação destes casos nos leva a concluir que os aprendizes ouvintes, de Libras, apresentam uma maior dificuldade na aquisição da expressão facial, pois, na língua de sinais, tal marcação não-manual é de suma importância para o entendimento real do sinal, sendo que a entonação em Libras é feita pela expressão facial, diferentemente das línguas oral-auditivas.

Aplicou-se, em um segundo momento, um novo instrumento composto por seis tipos oracionais e duas palavras. Esse, por sua vez, teve como objetivo a verificação e a análise das expressões faciais.

As orações e as palavras que compunham o instrumento foram:

1. Forma Afirmativa:

El@ professor.

2. Forma Interrogativa:

Você casad@.

3. Forma Exclamativa:

Carro bonit@.

4. Forma Negativa:

Eu ouvir não.

5. Forma Negativa/Interrogativa:

Casad@ você não.

6. Forma Exclamativa/Interrogativa:

²

Houve informantes que apontaram mais de uma marcação não-manual

Você casar.

7. Vocábulo: silêncio e parar

Os aprendizes deveriam sinalizar estas sentenças e vocábulos para que se pudessem averiguar suas expressões faciais e se algum equívoco em tais expressões acarretaria em uma mudança de significado nas palavras e/ou sentenças.

A partir da análise deste instrumento, pode-se chegar a algumas conclusões. Tais conclusões serão explicitadas no próximo item.

8 Considerações finais

A presente pesquisa objetivou o levantamento e a análise dos dados obtidos por aprendizes de Libras, quanto à dificuldade na execução das marcações não-manuais e sua implicação na mudança de significado.

Através destes resultados, pode-se constatar que: ouvintes aprendizes de Libras apresentam dificuldades na execução da marcação não-manual em sentenças interrogativas, geralmente quando associadas a outras formas, como a forma exclamativa e a forma negativa. Embora os demais sinais não-manuais sejam realizados de forma, muitas vezes, equivocada, quando estas são de forma simples, como: afirmativa, negativa, exclamativa, não há um comprometimento do significado na sentença. Mas quando associadas a outras formas, o equívoco na execução da expressão facial provoca uma mudança no significado da sentença, passando esta a pertencer à outra classe.

Outra dificuldade está relacionada à expressão facial na marcação de algumas palavras. Neste estudo, utilizamos dois vocábulos: silêncio e parar. O primeiro deve ser sinalizado com o dedo indicador sobre a boca, juntamente com a expressão facial calma e serena. Mas pode-se perceber que alguns dos informantes executaram o mesmo sinal utilizando um movimento mais rápido e com uma expressão de zanga, alterando, assim, seu significado para “cale a boca!”. A segunda palavra deve ser executada com a mão aberta,

juntamente com o movimento brusco e com expressão séria, contudo houve informantes que sinalizaram o mesmo sinal com um movimento lento e com uma expressão facial de tranquilidade. Neste caso, tal palavra passou a significar “calma”. Como podemos observar, a marcação não-manual, mais especificadamente, a expressão facial, é encarregada de levar, em algumas sentenças e palavras, a carga semântica e sintática.

A fim de elucidar as informações acima, observe a tabela abaixo:

Análise do informante 1: marcações não-manuais

	Marcação/Expressão facial correta	Marcação ausente	Alteração do significado/sentido	Consequência
Tipo de frase				
Afirmativa	Sim	*	*	*
Interrogativa	*	Franzimento das sobranças	Sim	Frase tornou-se exclamativa
Exclamativa	Sim	*	*	*
Negativa	Sim	*	*	*
Negativa/ Interrogativa	*	Franzimento das sobranças	Sim	Frase tornou-se Exclamativa/ Negativa
Exclamativa/ Interrogativa	*	Franzimento das sobranças	Sim	Frase tornou-se unicamente Exclamativa
Vocábulo				
I	Sim	*	*	*
II	*	Expressão séria e movimento da mão brusco.	Sim	Vocábulo alterado para calma

Ressalta-se que a tabela apresentada é apenas um recorte das 21 pessoas que participaram deste estudo.

Quanto aos informantes, não se constatou nenhuma diferenciação na produção da marcação não-manual entre pessoas de sexo feminino e masculino.

Tais conclusões se confirmam ao comparar as produções dos alunos com as produções da

professora, neste caso surda. Ao analisar as sinalizações dos aprendizes e as sinalizações da docente, ficou claro que a expressão facial é uma das maiores dificuldades que os ouvintes, mais especificadamente, utentes de língua portuguesa, apresentam no processo de aquisição da Libras como L2. Cabe reforçar que os ouvintes aprendizes de língua de sinais devem desenvolver de forma mais apurada o *input* visual, pois este possui um papel fundamental para o desenvolvimento da língua visuo-espacial como L2.

Podemos afirmar que além dos parâmetros, estudados em capítulos anteriores, a Libras conta com uma série de componentes não manuais, que em algumas vezes, podem definir ou diferenciar significados entre sinais.

Referências

BRITO, L.F. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

_____. Uma abordagem fonológica dos sinais da LSB. *Espaço Informativo técnico-científico do INES*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 20-43, 1990.

CRUZ, Carina Rebello. *Proposta de instrumento de avaliação da consciência fonológica, parâmetro configuração de mão, para crianças surdas utentes da língua de sinais brasileira*. 2007. 196 folhas. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre. 2007.

FELIPE, Tanya A. *Libras em Contexto: curso básico*. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. Brasília, 2007.

FINGER, Ingrid; QUADROS, R.M. *Teorias de Aquisição da Linguagem*. Santa Catarina: Editora da UFSC, 2008.

FORTKAMP, Mailce Borges Mota. *Aspectos da Linguística Aplicada*. Florianópolis: Editora Insular, 2008.

HORTÊNCIO, Germana Fontoura Holanda. *Um estudo descritivo do papel dos intérpretes de LIBRAS no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová*. 2005. 108 folhas. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2005.

KARNOPP, L. B. *Aquisição do parâmetro configuração de mão dos sinais da LIBRAS: estudo sobre quatro crianças surdas filhas de pais surdos*. 1994. 154 páginas. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, PUCRS, Porto Alegre. 1994.

LAMPRECHT, R. R. (Org.). *Estudos sobre a aquisição da linguagem: aspectos do português brasileiro e da língua brasileira de sinais*. Letras de Hoje, Porto Alegre, v.32, n.4, 1997.

LYONS, John. *Linguagem e lingüística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

MATTOS, Andréa Machado de Almeida. *A hipótese da Gramática Universal e a aquisição da segunda língua*. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, V.09, n.2, 2001.

MURAD, Carla Regina Rachid Otávio. *Descompasso entre estilo de ensino/aprendizagem e os objetivos dos alunos*. 2004. 100 folhas. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas. 2004.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. *Língua sinais brasileira: estudos lingüísticos*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.

QUADROS, R. M. de. *Aspectos da sintaxe e da aquisição da língua de sinais brasileira*. Letras de Hoje, Porto Alegre, v.110, p.125-146, 1997.

_____. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artmed, 1997.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Coutrix. 1995.

SOUZA, Diego Teixeira de. *Língua Brasileira de Sinais: as dificuldades encontradas por ouvintes na execução da marcação não-manual e sua interferência na mudança de significado*. FURB: Linguagens-Revista de Letras, Artes e Comunicação, Blumenau, v.2, n.3, p. 279-290, 2009.

WOLL, Bencie. *Language in sign: an international perspective on sign language*. London: Croom Helm, 1983.